Caderno de Inovação

VOLUME 12 / Janeiro 2014



Inovação no Governo

Caderno de Inovação

VOLUME 12 / Janeiro 2014

Inovação no Governo



Realização:
Fórum de Inovação da FGV-EAESP

Fórum de Inovação da FGV-EAESP:
Marcos Vasconcellos (coordenador geral)
Luiz Carlos Di Serio (coordenador adjunto)

Gestão Executiva:
Luciana Gaia (coordenadora)
Flávia Canella (staff, layout e diagramação)
Gisele Gaia (staff)
Leonice Cunha (staff)

Editora Responsável:
Maria Cristina Gonçalves (Mtb: 25.946)

03	**Zonas de Processamento de Exportação do Governo Federal**
04	**Lições Aprendidas**
05	**Palestrante Gustavo Fontenele**
12	**Debatedor José Augusto Corrêa**
15	**Inovação e Competitividade**

EDITORIAL

As Inovações no Governo continuam sendo foco de atenção do Fórum de Inovação. Nesse encontro tratamos das ZPE - Zonas de Processamento de Exportação.

Estou convencido que não se pode falar separadamente de competitividade das organizações e competitividade dos países.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior , trazidos pelo secretário Gustavo Fontenele, as exportações de produtos primários já passaram a de produtos manufaturados, e o Brasil apresenta baixa participação nas exportações mundiais.

Gustavo Andrey Fernandes, do CEPESP da FGV-EAESP, completando, comentou que a única diferença da exportação do Brasil, de 1950 para cá, é que se aumentou o número de produtos exportados, mas a taxa permanece em 50%.

O moderador do evento, José Augusto Corrêa, acredita que estamos tratando de um problema muito mais profundo: existe uma falta de entendimento e conciliação nacional.

Para mim, mais uma vez, repito que fica claro ser impossível dissociar o conceito de competitividade. Competitividade é competitividade em qualquer esfera.

É papel do governo dar condições para as empresas serem competitivas e produtivas.

O mundo nos prova que os países desenvolvidos, com melhor qualidade de vida inclusive, adotam na sua estratégia de crescimento a exportação.

As ZPE podem ajudar para que não nos tornemos reféns da exportação de commodities. Exportar é preciso. Agregar valor aos produtos exportados, também.

Tudo isso e muito mais no nosso Caderno. Não perca!

Boa leitura e até a próxima!

Marcos Augusto de Vasconcellos



Inovação no Governo - Zonas de Processamento de Exportação do Governo Federal.

O evento com o tema acima, ocorreu no dia 10 de outubro de 2013 reunindo representantes do governo, acadêmicos e empresários para debater sobre as ZPE - Zonas de Processamento de Exportação do Governo Federal. A abertura do evento foi conduzida pelo coordenador prof. **Marcos Augusto de Vasconcellos**, dizendo que o Fórum de Inovação trouxe ao debate esse assunto “pois ele está diretamente ligado à competitividade brasileira”. Na sequência, chamou o palestrante **Gustavo Fontenele,** Secretário Executivo do Conselho Estadual das ZPE e os debatedores **José Augusto Corrêa** e **Luiz Carlos Di Serio**, ambos representando Fórum de Inovação, além do representante do CEPESP - Centro de Política e Economia do Setor Público, da FGV-EAESP, Gustavo Andrey Fernandes.

O que é uma Zona de Processamento e Exportação?

As ZPE (Zonas de Processamento de Exportação) são áreas de livre comércio nas quais as indústrias destinam a maior parte de sua produção para o mercado externo, tendo como benefícios, além de vantagens de caráter administrativo, a isenção de tributos e a liberdade cambial - ou seja, essas empresas não têm de converter em reais o produto de suas exportações.
Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as finalidades das ZPE são: atrair investimentos estrangeiros; reduzir desequilíbrios regionais; fortalecer o Balanço de Pagamentos; promover a difusão tecnológica; criar empregos; promover o desenvolvimento econômico e social do país; e aumentar a competitividade das exportações brasileiras.
Foram criadas 24 ZPE e cada uma está em diferente estágio. As ZPE do Acre e do Ceará, por exemplo, foram alfandegadas pela Receita Federal do Brasil, isto é possuem o controle aduaneiro e tributário. As seguintes ZPE possuem projetos industriais aprovados: Acre (2); Piauí (2); Ceará (2).







Lições Aprendidas: Resumo das ideias debatidas no encontro

- Exportar é preciso, agregação de valor é fundamental;

- Quanto à exportação devemos considerar dois aspectos centrais: a baixa participação das nossas exportações em nível mundial (menos de 1,2% das exportações mundiais); e elevada composição de produtos básicos ou primários em nossas exportações (cerca de 50%);

- Para o sucesso das ZPE é preciso que haja a comunhão de interesses públicos e privados,

- É preciso um engajamento industrial que seja capaz de reverter os números atuais de exportação;

- As ZPE compensam, embora algumas áreas do país apresentem sérios problemas estruturais como: Custo Brasil, alta tributação, problemas de logística, direitos trabalhistas, entre outros reduz a competitividade dos projetos industrias e a ZPE pode ser uma alternativa para reduzir esse custo

- Com a precificação Exógena dos produtos exportados, o Brasil fica à mercê do processo

- As ZPE podem ajudar para que não nos tornemos reféns da exportação de *commodities*, reduzinho a competitividade da nossa indústria;

- Para promover os benefícios tributários e aduaneiros, as ZPE devem ser alfandegadas, isto é, contar com perímetros, controles de entrada e saída , sistemas, balança, um controle tributário e aduaneiro;

- Uma ZPE deve nascer de um ente político (prefeitura, por exemplo), que vai necessariamente recorrer a uma empresa administradora, que pode ser pública, mista ou privada. Hoje, recebemos demandas do setor privado para investir nesses recintos;

- Do ponto de vista de inovação na gestão pública, pode-se dizer que é uma solução útil para o Brasil por buscar aumento das exportações e da agregação de valor da produção exportável.

- As ZPE devem ser encaradas como uma solução transitória, pois além dos resultados diretos, as ZPEs trarão conhecimentos e experiências para redução de impostos;

- Apesar de estarmos em mudanças permanentes, o administrador deve desenhar possíveis cenários, que podem ser totalmente diferentes mais que permitam antecipar possibilidades e competências.

- Além da criatividade, um país precisa de produtividade, sem ela não há oportunidades. É preciso colocar as boas ideias em prática.

Palestrante Gustavo Saboia Fontenele e Silva



Gustavo Saboia Fontenele e Silva é Secretário-Executivo da Secretaria Executiva do Conselho Nacional das Zonas de Processamento de Exportação (SE/CZPE), do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior.

Começou sua apresentação agradecendo o convite ao prof. José Augusto Corrêa que conheceu na FIESP. Aproveitou também para abrir espaço para outros debatedores se apresentarem.

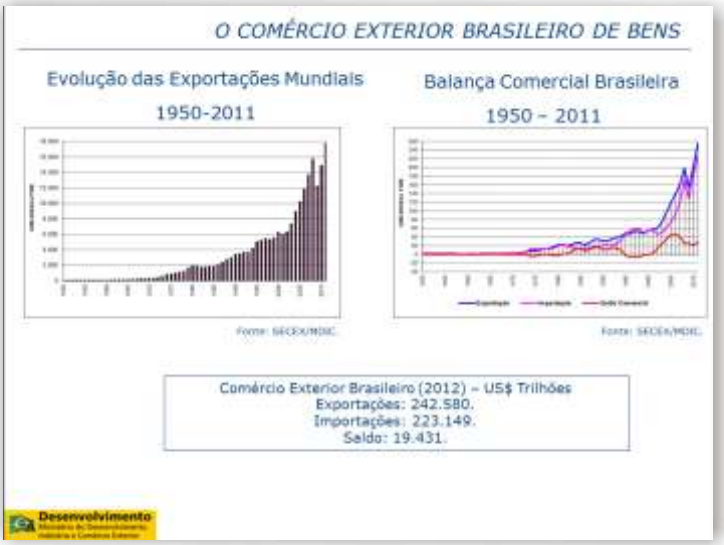
Gustavo Andrey Fernandes, do CETESP da FGV-EAESP, contou que o centro procura entender quais os fatores que explicam a política pública, contando com uma equipe multidisciplinar composta por cientistas políticos, economistas, e "todos os interessados nessa interface e que querem mudar a história da nossa baixa exportação. A tendência do Brasil é de não se preocupar com o mercado externo. Exportar é preciso.", disse.

Já o prof. José Augusto Corrêa contou que é um dos fundadores do Fórum de Inovação e também do Centro de Empreendedorismo da FGV-EAESP e comentou que a FIESP desenvolve uma fortíssima campanha para que voltemos a fazer parte das cadeias produtivas mundiais: "já que estamos muito isolados", disse.

O palestrante retomou a palavra e confidenciou à plateia que a intenção da sua apresentação era de trocar ideias, de ser dinâmico tanto quanto o tema merece, e que poderia ser interrompido, a qualquer momento, afinal o debate se fazia necessário.

"Quero contar também que sou graduado em administração de empresas, que venho de uma geração de servidores públicos. Sou servidor público por escolha. A minha missão determinada pelo Ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior é implantar as ZPE no país. Estamos aqui para trocar ideias, e o setor privado é importante orientador de políticas públicas".

Trouxe alguns números:



"Como vocês podem perceber no gráfico acima, nosso comércio exterior cresceu bastante, mas de forma desproporcional em relação ao mundo. Existe nessa relação dois aspectos centrais: a maior participação de produtos básicos nas nossas exportações (cerca de 50%) e a baixa participação das nossas exportações em nível mundial. É fundamental exportarmos mais e agregarmos maior valor ao produto exportado", resumiu o Secretário.



Relatou que o nosso comércio cresceu isoladamente ao longo do tempo e que as exportações de produtos primários já ultrapassaram a de produtos manufaturados. “Precisamos de um engajamento industrial que seja capaz de reverter esses números que estamos vendo”, disse.

Na sequência, apresentou dados da Associação Brasileira de Comércio Exterior do Brasil e da CNI.

Radiografia do Comércio Exterior Brasileiro (Dados da Associação Brasileira do Comércio Exterior)

1) Dependência da exportação de *commodities*.
2) Precificação Exógena desses produtos. A precificação é feita em mercados externos. O Brasil fica à mercê desse processo.
3) Redução do número de empresas exportadoras e aumento das importadoras.
4) Elevado Custo Brasil. Tributação, logística, direitos trabalhistas, entre outros.



Indústria (Dados da CNI)

1) Educação.





2) Ambiente
- Macroeconômico;
- Eficiência do Estado;
- Segurança Jurídica e Burocracia;
- Desenvolvimento de Mercado.

3) Custos
- Tributação
- Financiamento;
- Relações de Trabalho;
- Infraestrutura.



4) Inovação e Produtividade



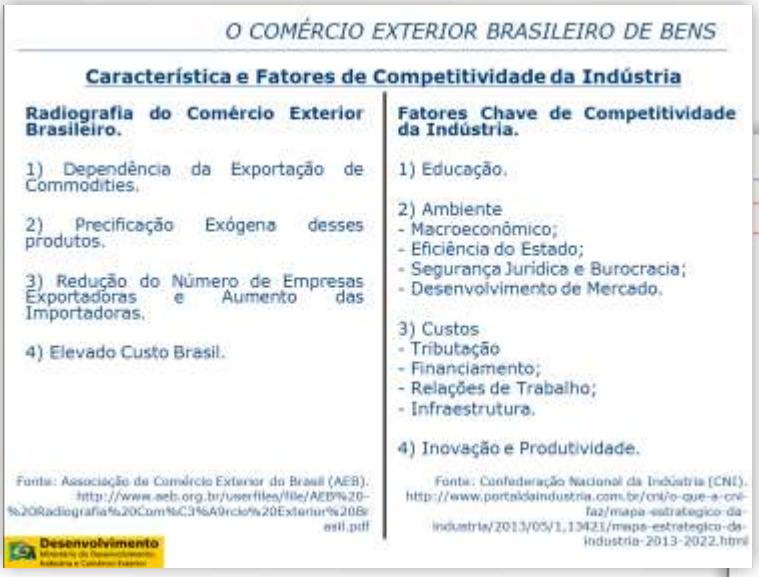
“O que apontam esses dados trazidos por essa organização?”, perguntou Gustavo. “Que temos que aumentar a competitividade da nossa indústria e as ZPE s podem ajudar nisso”, disse.

Os participantes comentaram que o Brasil não possui centros de excelência, com exceção da indústria aeronáutica, e que o ideal seria que tivéssemos vários centros de excelência semelhantes.

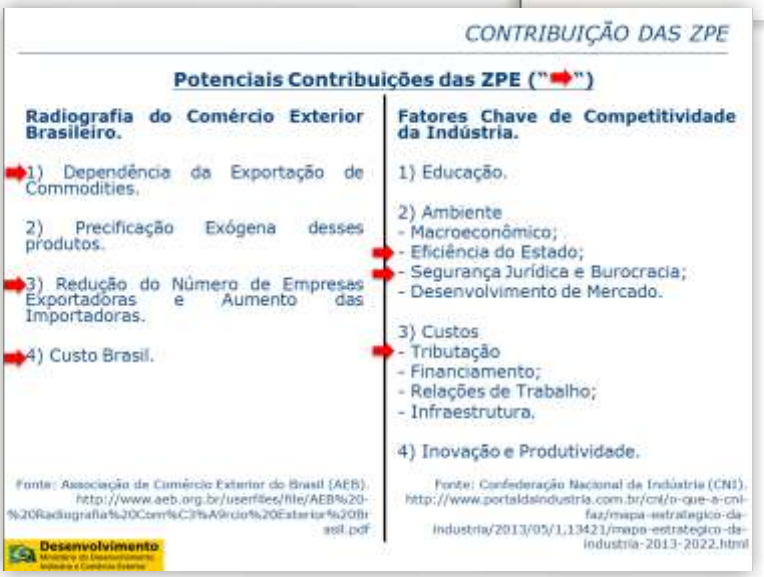
ZPE
O regime de zonas de Processamento de Exportação passou a funcionar no Brasil desde o dia 30 de agosto de 2012. Seu funcionamento assemelha-se ao de um porto seco com indústrias em seu interior.



Para promover os benefícios do regime às empresas nele instaladas, as ZPE devem ser alfandegadas, isto é, “contar com perímetros, controles de entrada e saída , sistemas, balança, um controle tributário e aduaneiro”, explicou Gustavo.







Tratar de um tema de competitividade global é entender as diferenças entre o Brasil e países concorrentes. No mundo, as ZPE ganharam força a partir da década de 80, voltadas 100% à exportação e contando com 100% de investimento estrangeiro. O principal país foi a China. No Brasil, o modelo surgiu em 1988. Naquela época, a conjuntura econômica era a de escassez de divisas, alta inflação e as ZPE surgiram para atrair divisas para o balanço de pagamentos. Hoje a situação é diferente, temos 400 bilhões em divisas, portanto, falar dessas zonas é basicamente uma questão de competitividade, investimentos, renda e emprego. Elas geram benefícios na exportação, os produtos chegam desonerados nesse regime suspensivo", contou o secretário.



Benefícios das ZPES

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

O CASO DA CHINA

As ZPE e regimes congêneres foram as políticas responsáveis pelo significativo incremento das exportações da China.



Fonte das Informações:

Desenvolvimento

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

EXEMPLOS DE "ZPE" NO MUNDO

Existem no mundo cerca de 3 mil ZPE e recintos congêneres, que geram 3 milhões de empregos (OIT).



FTZ - EUA



ZF de Bogotá
Colômbia



ZF de Iquique
Chile



Zona América
Uruguai



ZPE – China

Desenvolvimento

PRINCIPAIS OBJETIVOS



Desenvolvimento

BASE LEGAL

- Lei nº 11.508/2007 (alterada pela Leis nº 11.732/2008, nº 12.507/2011, e nº 12.767/2012).
- Decretos nº 6.634/2008, nº 6.759/2009, e nº 6.814/2009.
- Resoluções do CZPE.
- Instrução Normativa SRF nº 952/2009.
- Portaria RFB nº 3.518/2011.

Desenvolvimento

Benefícios tributários e administrativos ou Limitações?





Gustavo fez questão de deixar clara sua opinião sobre porque as ZPE funcionam como um negócio, portanto, necessitam de recursos financeiros e humanos. “Uma ZPE pode nascer de um ente político (que vai necessariamente recorrer a uma empresa administradora), pode ser pública, mista ou privada. Hoje, recebemos demandas privadas para investir nesses recintos”, concluiu.

Como estão as ZPEs no Brasil:

- Foram criadas 24, 2 já estão alfandegadas, isto é, possuem o controle aduaneiro e tributário, são as do Ceará e do Acre.
No Brasil, temos ZPE públicas, mistas e algumas 100% privadas. Vale dizer que, para se classificar como uma empresa de ZPE, ela só poderá vender, no máximo, 20% do seu faturamento para o mercado interno.



Apartes e perguntas:

Antonio Carlos Teixeira Álvares, fundador do Fórum de Inovação e CEO da Brasilata - "O sistema não facilita se a empresa utilizar insumos de outros estados, é desestimulante a relação ao *drow back*. Não vale a pena porque serei obrigado a nunca comprar aço no Brasil. Infelizmente, a empresa exportadora fica com 100% do ICMS".

Gustavo Fontenele - "Eu, pessoalmente, levei essa questão para 27 representantes da nossa Federação. O que acabamos percebendo é que tratativas interestaduais precisam evoluir. O regime antes era só discutido em tese, agora com os cinco primeiros projetos industriais, as alterações na legislação começaram a acontecer".

Gustavo Andrey Fernandes, do CEPESP - comentou que a única diferença da exportação do Brasil, de 1950 para cá, é que se aumentou o número de produtos exportados, mas a taxa permanece em 50%: "em 1950 só exportávamos café", disse. Foi além: "Vou dar exemplos sobre café. Por exemplo, nos EUA, toma-se Starbucks, mas aqui a gente toma Illy café, fundada por um romeno que criou a máquina de café solúvel, tomamos também café *macchiato* italiano, mas quem massificou o produto no mundo foi o Brasil. Produzimos algo essencial e não ficamos com lucro, e isso é quase uma tradição, é histórico. Como podemos reverter isso? Como o governo pode ajudar? Temos que agregar valor aos produtos que temos", disse.

Luiz Claudio Sigaud Ferraz - "O que me incomoda nesse modelo das ZPE é não perceber que o mundo já não tem fronteira e nós estabelecemos um modelo com fronteira física. No mundo, hoje não cabe mais esse nível de fronteira, muro, zona alfandegada, penso que tenha que ser sistêmico. Modelo físico como alternativa? Eu não acredito e não existe em nenhum lugar do mundo."







José Augusto Corrêa Debatedor



“Em minha opinião, estamos tratando de um problema muito mais profundo: existe uma falta de entendimento e conciliação nacional. Esse é o problema do Brasil. Muitas ações do governo, como as ZPE, são pequenas ataduras numa pessoa que acabou de sofrer um acidente grave e vai ficar machucado por muitos anos. Quero parabenizar o Gustavo pela apresentação, rica em estilo e conteúdo, e pelo fato de ser tão simpático que não dá vontade de discordar. Mas faltar conciliação nacional é fatal; falta aos brasileiros um entendimento predominante sobre o que queremos ser no futuro. O Brasil deveria ser uma imensa ZPE. Esse é um problema filosófico”, disse. Trouxe o exemplo de Cingapura, contando que o déspota (esclarecido) do país, em 1965, começou as mudanças fazendo, com seus vizinhos, limpeza nas ruas onde moravam e foi agregando pessoas, hoje Cingapura é um dos países com maior renda *per capita* do mundo.

“Já no Brasil utilizamos a nomenclatura ‘comércio exterior’ para diferenciar o que se vende no País e o que se vende no exterior. Nos EUA, é só comércio, pois lá a visão é que o mundo é o mercado. As ZPE emergem dessa realidade. Vejamos mais um exemplo, a legislação do Reintegra. Você está produzindo e exportando; avalia-se que os impostos que foram pagos ao longo da cadeia produtiva ficam em torno de 6 a 9% do preço final. Temos pois, direito a uma devolução; a lei aceitou apenas devolução de 3%, que são chamados de Reintegra. Você exporta e quando vai buscar os 3% não estão pagando! Faz um tempão que ninguém recebe o dinheiro de volta. Por isso insisto, criam alguns *band aids* para curar o ferido, mas nada efetivo e definitivo.

Outro problema que pode até inviabilizar uma ZPE é a falta de acordo bilaterais. O Brasil adotou uma política subdesenvolvida que tem o centro de poder doutrinário em Cuba, um segundo na Venezuela. Fizemos acordos comerciais pífios como com a Autoridade Palestina, Israel e Egito, que foi tudo o que se fez nos últimos dez anos; não fazemos mais, por razões ideológicas e sem acordos com países desenvolvidos, ficaremos à margem das cadeias produtivas mundiais, de alto valor”, criticou.

Luiz Claudio Sigaud - “Quanto mais valor efetivo você agrega ao produto, menos pesa o valor pago a mão de obra. Se alguém conseguir abrir os números de uma Boeing ou de uma Embraer vai ver que o maior investimento é e mão de obra”.

Celso Malachias - “Trabalho a vida inteira com TI e vejo, como no exemplo de Cingapura, como a indústria do conhecimento gera um salto muito grande. Exportamos menos de 3 bilhões em *software*, a Índia exporta de 50 a 70 bilhões de dólares, isso gera transformação. Estamos perdendo atratividade e competitividade quando nos comparamos ao mercado americano que cresce, principalmente com seus empreendedores. Penso que faltou um pouco de discussão das ZPE sob o ponto de vista da inovação. Estamos falando num modelo geográfico e o mundo está em outra dimensão”.

Marcos Augusto de Vasconcellos - “Quero colocar algumas ideias e provocações para a questão da competitividade no Brasil. As ZPE representam a única solução? Uma das? É uma Ilusão? Tem alguma coisa que poderíamos e deveríamos estar fazendo?

Gostaria de plantar essas dúvidas e ampliar o debate".

Adriano Picchi Neves - "Senti falta de temas específicos. Estamos falando de ZPE do quê? Defendo centros por tema, indústrias e negócios, só assim para agregar valor, e não só distribuição geográfica. Temos isso? Difícil para o empresário saber se vai ser competitivo. A discussão ficou muito em cima de impostos e barreiras do que em inovação e competitividade. E tem mais, o mundo vive de *softwares* e serviços e não falamos nisso"

José Augusto Corrêa - "Devo dizer que não existe um mundo sem indústria e manufatura. Para comer, temos que enlatar, tudo depende da indústria, enorme parte dos serviços é gerada pela indústria. Imaginando indústria zero, o serviço vai para onde?"

Gustavo Fernandes - "No século 16, em 1560, o conselho de Veneza proibiu que fossem abertos os sistemas de engenhos, e eram os portugueses que tinham essa tecnologia. O ponto levantado é que a indústria se altera. Talvez daqui a 60 anos, a nossa indústria não seja mais a mesma. Convergência de interesses para mim se resume a entendimento. Existe essa preocupação no governo? Eu como pesquisador do CEPESP tento entender como a política do governo está tratando a convergência."

Gustavo Fontenele - "As ZPE podem ser uma possível e boa solução se forem bem construídas. Optamos por tratar de bens industriais porque o regime é hoje industrial, se fosse revisto como de serviços, seriam desenhadas com foco e serviços, mas a fotografia de hoje é essa. Serviços atrelados a bem. A divergência é sempre válida, eu como representante de governo sei que discutir é fundamental. O Brasil não ter feito a blendagem do café, por exemplo, é um assunto estimulante. Quero dizer que o ICMS não é evasão fiscal para o Estado mas quando tem geração de emprego, tem geração de renda e incremento de arrecadação. Falta pesquisa e desenvolvimento, modelos que se complementem o interessante é trabalhar integração entre grandes zonas, *baby steps*, temos que começar de algum ponto, o Brasil perdeu 80 anos em termos de "clusterização", construção da base de um processo. A China, por exemplo, fez grandes zonas de livre comércio para serviços financeiros, replicando a mesma mecânica de ZPE. O que estamos vendo acontecer é a perda de tempo em construir uma base industrial e de fazer conexões em cadeia. Alfandegamento, num regime dessa natureza, só nasce se tiver um controle. Até porque precisa de um solo fértil para nascer. A questão da limitação física tem a ver com custo. Concordo, também, que temos que entrar em serviços principalmente em TI".

Gustavo Fernandes - "Quanto à questão dos registros específicos quero fazer uma ressalva, Newton já dizia, 'eu sou um mero mortal mas estou sobre os ombros de gigantes que vieram antes de mim'. Eu digo o seguinte: não adianta criar regimes isoladamente que criarão sobreposições e provocarão perda de energia, existem hoje mais de 20 regimes isolados e isso vai fragmentando e aumentando o custo para empresas e para o estado, que tem que aumentar fronteiras e conexões. Como integrar ZPE, vento tecnológico e universidades? Precisa ser bem amarrado tudo isso. A ZPE onde perpassam todas essas coisas e precisa de uma orientação de mercado, onde ela vai ou não se encaixar".



Agnaldo Dantas - “Acredito que o que é investido para a construção de estruturas físicas poderia ser usado para controle. Na minha opinião isso seria mais efetivo. Sair do aspecto físico e se investir em tecnologia”.

Gustavo Fernandes - “Embora eu ainda veja problemas cruciais te parabenizo pela bela apresentação e pelos esclarecimentos”.

Gustavo Fontenele - “É importantíssimo dizer que nenhuma ZPE fará milagre e que a riqueza do país está fora das ZPE. Pode até passar por ela para ganhar competitividade, mas não está nela. Quero agradecer pessoalmente ao prof. José Augusto Corrêa, e me coloco à disposição. É meu dever de ofício prestar esclarecimento, trocar idéias, divergir para construir. Estamos abertos a novas sugestões”



Opinião do debatedor José Augusto Corrêa

O prof. José Augusto Corrêa foi chamado pelo Fórum para dar uma opinião sobre o evento, acompanhe:

“Minha visão da palestra sobre ZPE é bem em consonância com o tema Competitividade Nacional, Custo Brasil e barreiras ao desenvolvimento. Temos falado em eliminar tais barreiras, o que é praticamente impossível, dado o emaranhado de leis, conflito de interesses, dentre outros fatores, além de obstáculos culturais. Mas se pode reduzir essas barreiras”.

Prossegue; “Assim, a criação das ZPE que é uma solução aceita e praticada internacionalmente, cria espaços no território nacional onde não há, ou é muito reduzido o Custo Brasil. Entretanto, o cidadão brasileiro não se beneficia disso diretamente com a aquisição dos bens mais baratos produzidos nesses espaços. Isso

Vale apenas para vendas ao exterior. O Benefício vem da criação de empregos resultante”.

Finalmente: “Do ponto de vista de inovação, pode-se dizer que é uma solução inovadora (para o Brasil), que deve ser vista como transitória, pois além dos resultados diretos, vai mostrar como há vantagens em redução de impostos para aumento dos volumes de vendas, o que deveria repercutir em medidas mais rápidas e profundas para o aumento da Competitividade Nacional”.

Inovação e Competitividadade

A parte da tarde foi reservada para a discussão de Inovação e Competitividade no Brasil e teve como palestrante o professor da FGV-EAESP e coordenador adjunto do Fórum de Inovação, Luiz Carlos Di Serio. “A primeira coisa que faço é observar sinais, são eles que estão ligados a tendências. Por isso trouxe um vídeo que compartilharei com vocês, indicado por um doutorando meu sobre o livro “De Onde Surgem as Boas Ideias”. O autor desse livro passou cinco anos investigando as boas ideias, as pessoas mais criativas, as organizações mais inovadoras, quais os espaços que geraram espaços de inovação, vamos falar um pouquinho sobre isso antes de eu apresentar os índices sobre inovação e competitividade”.

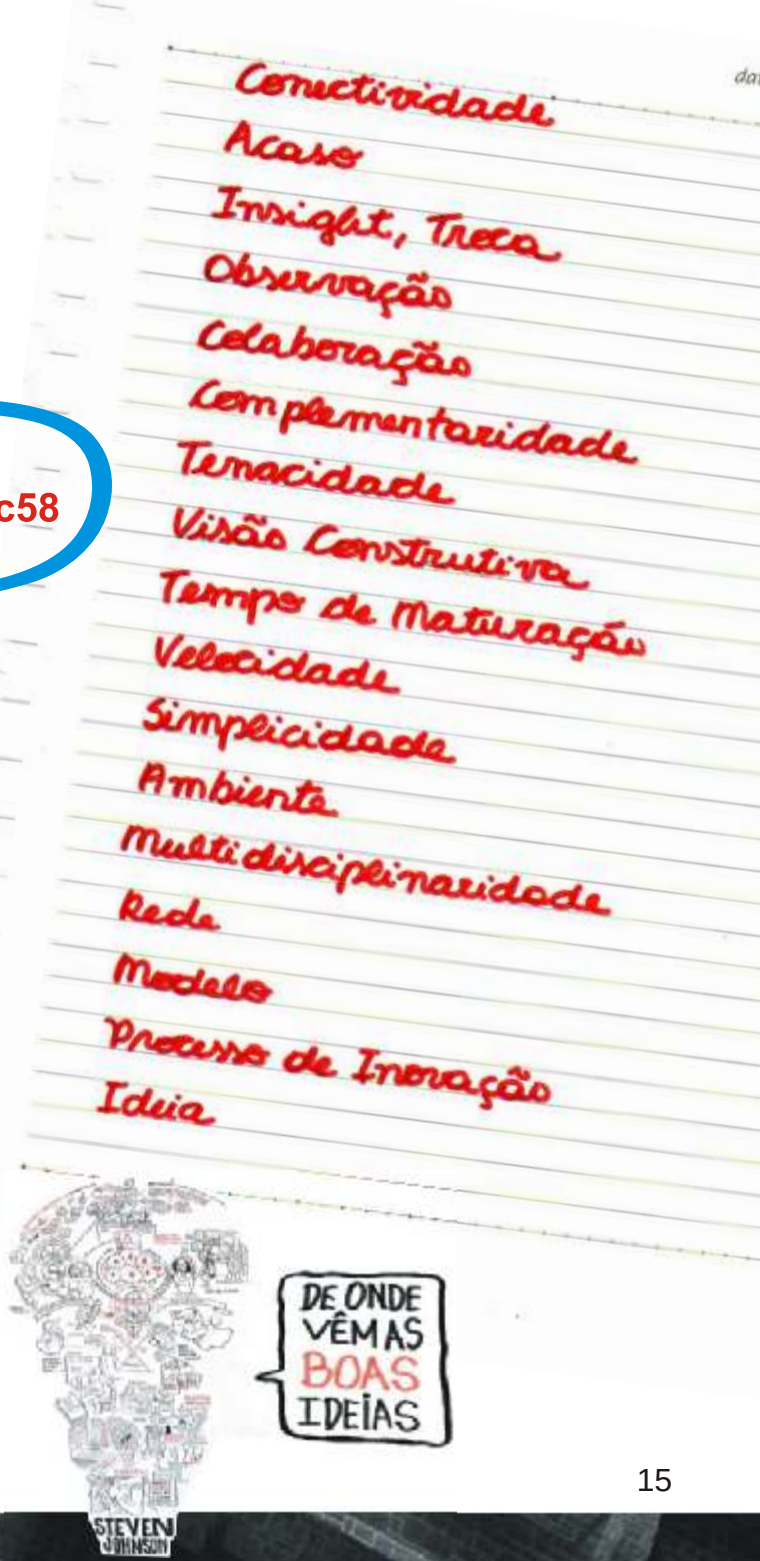
segue o link:

www.youtube.com/watch?v=BtgnozUgc58

Como resumo do vídeo, Di Serio falou sobre os padrões recorrentes: “as ideias revolucionárias não surgem de uma hora para outra, levam tempo para evoluir, passam tempo hibernadas, existem casos onde uma pessoa tem metade de uma idéia, e conversando com outra , acaba por chegar a idéia completa. O tempo de incubação é necessário. Quando elas ganham forma, precisam colidir com outros palpites, esses palpitem criam uma espécie de sistema. Gosto de trazer a imagem de salões parisienses de modernismo, ambiente perfeito para as ideias se encontrarem e se combinarem”, destacou o professor.

Di Serio também trouxe à plateia a reflexão sobre o que a internet tem causado no nosso cérebro: “será que teremos ideias menos sofisticadas porque nos afastamos da contemplação? Será que ainda somos capazes de buscar outras pessoas para trocar ideias? Estamos mais distraídos? Uma coisa é certa, com a internet ocorreu algo milagroso, novas formas de nos conectarmos. Podemos nos deparar com outros *insights* incríveis, o acaso favorece a mente conectada”, ponderou.

Recolheu opinião dos participantes sobre como é a perspectiva de uma empresa que permite o fluxo de boas ideias:



“Muitas ideias saem do ambiente interno das empresas, algumas têm até banco de ideias, como é o caso da Toyota e da Brasilata, que fazem da geração de idéias um fluxo continuo que funciona como um funil com entrada e saída constantes. Outras migram para as universidades”, comentou.

Mas adverte que é uma situação rara, contando sua experiência como consultor. Relatou que, nos últimos seis meses, após passar por 10 empresas, não percebeu, em nenhuma delas, pessoas felizes. “Um aluno me procurou para dizer que não consegue ter relacionamento com diretores, por conta da correria do dia a dia. Isso se reflete numa deterioração do processo de geração de ideias, são muitas as cobranças por indicadores de curto prazo. E entramos num processo de auto-engano, fazemos de conta que e não tiramos a pedra do caminho, preferimos gastar energia contornando”, disse.

Num outro exemplo figurado, trouxe de volta os tempos do Iluminismo, no qual as pessoas tinham tempo para tomar chá e trocar ideias e havia ambientes para isso: “Eu, como fã incondicional de rock, vejo que até hoje bandas e artistas dos anos 70 continuam ganhando dinheiro como Elvis, Beatles , Michael Jackson e Pink Floyd”.



Contou que num processo de Gestão de Conhecimento, os Beatles “copiaram” os Beach Boys, num claro processo de transferência de conhecimento. Paul Mcartney, por exemplo, contratou um profissional para fazer a Capa do disco *Sgt. Pepper’s Lonely Heart Club*, soube olhar de forma sistêmica. A música tem um poder enorme de influência porque é lúdica e conecta as pessoas. A contracultura na Inglaterra discutiu política nos bares, influenciou o sistema educacional com Another Brick in the Wall, de Pink Floyd , quem não se lembra?

“As pessoas não têm consciência de como o ambiente tem poder: ele constrói ou destrói. Já que estamos exemplificando via música, relembro a trajetória de Roger Waters, músico talentoso e criativo, que se perdeu quando se achou o dono da palavra. Analisar isso é como ter uma aula de criatividade”, comentou Di Serio.

Além da criatividade, deixou claro que um país precisa de produtividade, sem ela não há oportunidades, é preciso colocar as boas idéias em prática.

Profª. Silvana Pereira concordou com Di Serio e contou que é muito comum ver nas organizações o indivíduo que já silenciou, antes, depois ou quando se apresenta uma nova ideia: “se paralisado estava, paralisado permanece, acredito que de fato estamos no auto-engano, não nos permitimos discussões mais profundas”, disse.

José Augusto Corrêa contou que, em 2000, visitou uma enorme fábrica no Japão. Foi convidado a circular pela empresa, ciceroneado por um funcionário que falava português, que prometeu levá-lo a um templo: “chegamos a um jardim e perguntei onde ficava o templo, e ele sorrindo me disse, aqui mesmo é a própria natureza. É aqui que os funcionários vêm para orar pelos seus chefes . Chefes com mais sabedoria são melhores para os funcionários. É uma questão cultural. Aqui a gente relaciona clima a bônus, é uma perversão do processo”, disse.



Kanter fez pesquisa sobre motivação e o que apareceu como fator mais relevante foi a devolutiva, o retorno, o famoso *feedback*. “Porém ele deve ser pertinente, o ser humano tem uma necessidade brutal de se sentir útil. Estamos num mundo massificado que as pessoas não estão sendo reconhecidas. A grande sacada dos criadores do facebook foi perceber que as pessoas gostam de compartilhar informações, inclusive pessoais, vivemos num mundo solitário, o *mass production* não percebe o individuo. Fica a pergunta: o meio inovador interno existe ou não?”, provocou o palestrante.

Di Serio considera que apesar de estarmos em mudanças permanentes, o administrador deve desenhar possíveis cenários, que podem ser totalmente diferentes mais que nos faz antecipar e nos organizarmos em possibilidades e competências.

Instigou a plateia perguntando: “O Brasil tem capacitação, mas e a inovação? “É nela que está o nosso *gap*”, e continuou: “Em administração só entendemos as coisas olhando os últimos 100 anos, veja o exemplo da Motorola, tem longo histórico. O fato é que no Brasil não conseguimos fazer isso e nos Acomodamos no nosso tamanho de mercado”.

Na sequência, vocês poderão acompanhar os slides trazidos pelo prof. Di Serio com dados de indicadores nacionais e internacionais sobre inovação e competitividade. De forma auto explicativa, elucidativa e muito didática, como vocês podem conferir a seguir:




WORLD ECONOMIC FORUM
12 pilares Competitividade
Basic requirements
Institutions
Infrastructure
Macroeconomic stability
Health and primary education
Key for factor-driven economies
Efficiency enhancers
Higher education and training
Goods market efficiency
Labor market efficiency
Financial market sophistication
Technological readiness
Market size
Key for efficiency-driven economies
Innovation and sophistication factors
Business sophistication
Innovation
Key for innovation-driven economies


WORLD ECONOMIC FORUM
12 pilares Competitividade
MELHORIAS DE EFICIÊNCIA
10) Tamanho do mercado: O tamanho do mercado afeta a produtividade, uma vez que o mercado de grandes empresas permite explorar as economias de escala.
Mercados internacionais tornaram-se um substituto para o mercado interno, especialmente para os pequenos países. Existe vasta evidência empírica mostrando que a abertura do comércio está associada positivamente com o crescimento.
O comércio tem um efeito positivo sobre o crescimento, especialmente para países com pequenos mercados domésticos. Assim, as exportações podem ser pensadas como substitutas para a demanda interna e determinar o tamanho do mercado para as empresas de um país.
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
FÓRUM DE INOVAÇÃO

WORLD ECONOMIC FORUM

Índice Global de Competitividade

(dentre 148 países)

País	Score (0-7)	2013/14	2012/13	2011/12	2010/11	2009/10	2008/09
Suíça	5,67	1	1	1	1	1	4
Singapura	5,61	2	2	2	3	3	5
Finlândia	5,54	3	3	4	7	6	6
Alemanha	5,51	4	6	6	5	7	7
USA	5,48	5	7	5	4	2	1
Suécia	5,48	6	4	3	2	4	2
Hong Kong	5,47	7	9	11	6	8	9
Holanda	5,42	8	5	7	8	10	8
Japão	5,40	9	10	9	6	8	9
Reino Unido	5,37	10	8	10	12	13	12
Brasil	4,33	56	48	53	58	56	64

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

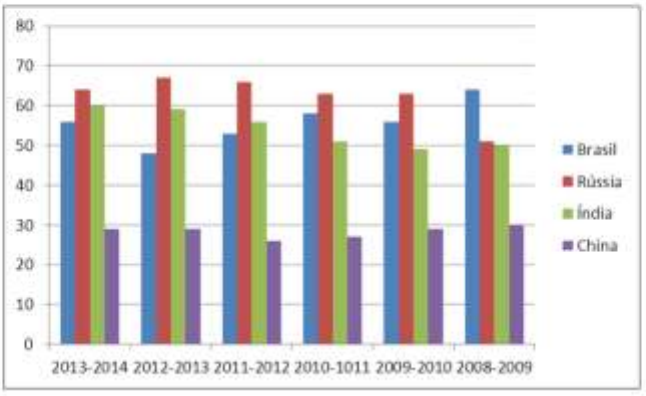
FÓRUM DE INOVAÇÃO

3

WORLD ECONOMIC FORUM

Brasil no BRIC's

País	2013-2014	2012-2013	2011-2012	2010-1011	2009-2010	2008-2009
Brasil	56	48	53	58	56	64
Rússia	54	67	66	63	63	51
Índia	60	59	56	51	49	50
China	29	29	26	27	29	30



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

FÓRUM DE INOVAÇÃO

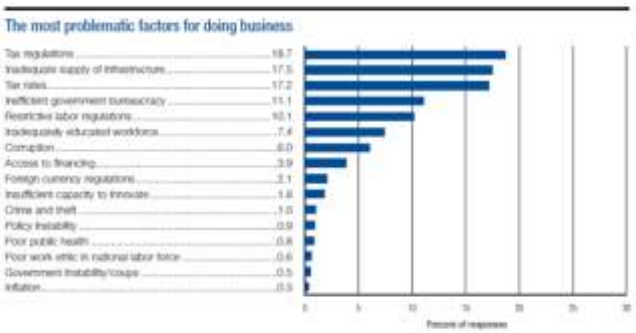
Posição do Brasil indicadores - *Top 10 (em 148)*

+	POSITIVOS (top 10)
7º	Tamanho do mercado doméstico
7º	PIB
7º	Regulação no mercado de títulos
9º	Disponibilidade de assentos em serviço aéreo
12º	Solidez dos bancos
16º.	Abastecimento local
20º.	Crescimento dos formandos no ensino médio
22º	Custos do terrorismo para negócios
23º	Custos da política agrícola
25º.	Transferência de tecnologia

-	NEGATIVOS (top 10)
147º	Impacto negativo da área governamental
140º	Extensão e impacto da tributação
140º	Impacto da tributação nos lucros
144º	Número de dias para iniciar um negócio
148º.	Impacto das importação no PIB
138º	Impactos da tributação na força de trabalho
136º	Qualidade do ensino em matemática e ciências
136º	Confiança pública nos políticos
135º	Burocracia pra começar um negócio
131º	Qualidade da infraestrutura portuária

Fatores Negativos Brasil

WORLD ECONOMIC FORUM



Regulamentação fiscal
Infraestrutura inadequada
Impostos (%)
Burocracia e ineficiência pública
Mão de obra mal qualificada
Corrupção
Acesso a financiamento
Regulamentação taxas de câmbio
Capacidade de inovação insuficiente
Criminalidade
Instabilidade Política
Saúde pública de má qualidade
Falta de ética no trabalho
Instabilidade governamental
Inflação

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
FÓRUM DE INOVAÇÃO

Competitividade (2000 – 2011)

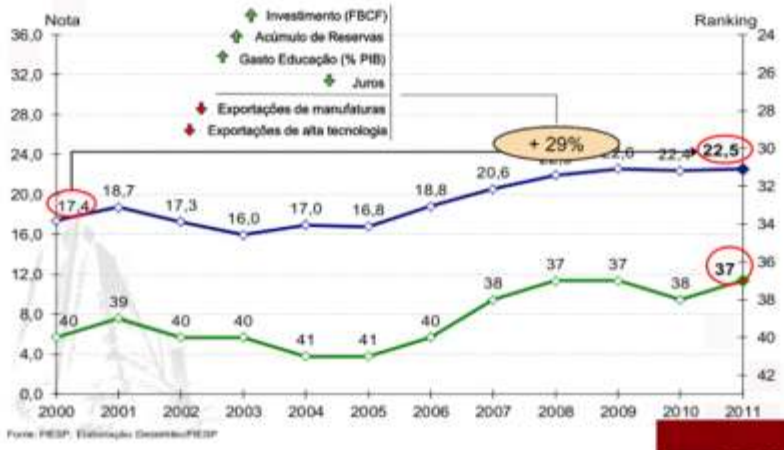
PAÍSES QUE PERDERAM COMPETITIVIDADE : 2000 a 2011

País	Principais Fatores de Perda de Competitividade
Suécia (12º no IC)	• Saldo comercial de manufaturados • Produtividade da indústria • Investimento direto externo líquido • Gasto em educação • Gasto em P&D
Finlândia (14º no IC)	• Taxa de poupança • Crescimento da produtividade • Investimento direto externo líquido • Saldo comercial
Japão (9º no IC)	• Exportações de alta tecnologia • Taxa de poupança • Número de patentes • Formação bruta de capital fixo • Crescimento da produtividade

Fonte: IC FIESP 2012

Em 2010, o Brasil aumentou a sua nota em apenas 0,1 ponto, mas aumentou a posição para 37º colocado no ranking.

IC FIESP - Evolução da Competitividade do Brasil



Fonte: IC FIESP 2012

Como crescer ?



Fonte: IC FIESP 2012

RELAÇÃO DE PARTICIPANTES

Adriana dos Santos Baraldi	FGV-EAESP
Adriano Picchi Neves	FGV-EAESP
Agnaldo Dantas	Sebrae
Alberto C. Gadioli da Silva	3m
Antonio Carlos Teixeira Álvares	Brasilata
Celso dos Santos Malachias	FGV-EAESP
Clovis Alvarenga Netto	USP
Elizabeth Jorge da Silva Monteiro de Freitas	Altavive Comunicação
José Augusto Corrêa	Crival
Gustavo Andrey A. L. Fernandes	FGV-EAESP
Gustavo Sabioa Fontenelle e Silva	SE/CZPE
Luiz Carlos Di Serio	FGV-EAESP
Luiz Cláudio Sigaud Ferraz	FGV- EAESP
Marcos Augusto de Vasconcellos	FGV-EAESP
Sandra Brait	Votorantim Cimentos
Silvana Pereira	FGV-EAESP


FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS
Escola de Administração
de Empresas de São Paulo
FÓRUM DE INOVAÇÃO